

PAISAGISMO: Arte Lúdica



O gosto pela arte talvez a tenha levado à preferência pelos playgrounds e espaços de lazer, que vêm predominando nos trabalhos de **Cecília Gorski**. Mas ela não se acomoda e vai a regiões diferentes para aprender sempre mais com a natureza, sua matéria-prima por excelência

Muito dedicada aos estudos e aos trabalhos durante a faculdade, **Cecília Gorski** chamou atenção de uma professora especial: Rosa Kliass. A mestre a convocou para estagiar em seu escritório, e esse primeiro contato mudaria sua carreira para sempre. Gorski se apaixonou pelo paisagismo e nunca mais o abandonou. De lá pra cá, passados quase trinta anos, foi encontrando seu espaço, ganhando mercado e concebendo projetos bastante característicos. Hoje, em sociedade com o marido, Michel Gorski, tem um escritório cujos trabalhos levam a marca do casal.

Especializados em arquitetura de lazer, concebem espaços criativos, lúdicos e inovadores. E ainda se arriscam em projetos de arquitetura e paisagismo em diferentes regiões do Brasil, com espécies vegetais locais, o que os faz aprender novas realidades a cada obra realizada.

Inspirada pela escultura e pela dança, a profissional cria jardins como quem faz uma obra de arte. Nada é sem sentido, nada é desperdiçado. Em seus projetos, é permitido sonhar e brincar, sem esquecer da importância da conservação e do respeito à natureza.





Plantas, Flores & Jardins - Conte um pouco de sua trajetória, desde a formação acadêmica até a entrada no mercado de arquitetura-paisagística.

Cecília Gorski - Fiz Arquitetura no Mackenzie e me formei em 1976. Na faculdade, a Rosa Kliass foi a minha professora de Paisagismo, que na época tinha dois assistentes: o Jamil Kfourí e o Marcelo Botter Martinez, dois ótimos profissionais. Nesse sentido, a minha turma foi privilegiada, porque realmente eram profissionais excelentes. Mas as aulas de paisagismo aconteceram apenas no quinto ano, o que é um problema, deveriam começar muito antes.

Naquela época, estava no auge o planejamento urbano, era uma área muito bem vista, e então fui estagiar no escritório do Candido Malta Campos. Nunca tinha pensado em trabalhar com paisagismo. Quando me formei, um profissional saiu do escritório da Rosa e ela me chamou pra trabalhar com ela. Fui a título de experiência, pra ver o que ia dar. E nunca mais saí dessa área. Até acabei fazendo alguns trabalhos de arquitetura pelo meio do caminho, como a reforma do MAC – Museu de Arte Contemporânea – na USP, no ano de 2000, mas a maior parte do tempo estou mesmo é trabalhando com paisagismo.

Como se vê, a formação específica em paisagismo vai se dando ao longo do nosso trajeto, porque na faculdade o aluno tem apenas um ano de Arquitetura Paisagística, o que não é suficiente.

Pfj - Por falar nisso, na sua opinião, como está o ensino de paisagismo no Brasil?

Ele ainda é muito deficiente. Para formar realmente arquitetos-paisagistas, precisamos de um curso específico de graduação em Arquitetura Paisagística. Acho até que ele deveria estar ligado ao núcleo de Arquitetura e Planejamento Urbano, porque a concepção dos espaços está intrinsecamente ligada à arquitetura e ao planejamento urbano. É lógico que são necessários subsídios também de outras áreas, como Agronomia, Botânica e Geografia; é preciso pensar nessa multidisciplinaridade. Talvez seja o caso do aluno ter, dentro da Faculdade de Arquitetura, dois anos de básico e depois algo mais específico, em que venham as disciplinas de outras áreas. O fato é que não podemos escapar desse tipo de formação. Nos países onde a arquitetura paisagística está muito desenvolvida, já existe a graduação em paisagismo.

A falta desta formação específica dá hoje margem a muitas disputas entre profissionais de diversas áreas. Além disso, o caminho para o paisagismo é muito tortuoso. O aluno tem que ficar buscando complementações, como cursos, palestras, workshops, é muito mais difícil. Para auxiliar neste processo, a ABAP (Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas) costuma fazer sessões técnicas, em que um arquiteto-paisagista apresenta o seu trabalho para os colegas, fala de sua metodologia, de suas dificuldades em relação aos clientes, fornecedores, como apresenta o trabalho, como se aproveita da questão digital no escritório, o uso do computador... Essa vivência entre profissionais é fundamental, porque cada um tem uma abordagem, um olhar diferente. Engraçado a gente pensar numa profissão que ainda é relativamente nova no Brasil e que já tem especialidades, mas com a arquitetura paisagística é assim, temos escritórios com perfis muito diferentes.

“NOS PAÍSES ONDE A ARQUITETURA PAISAGÍSTICA ESTÁ MUITO DESENVOLVIDA, HÁ ALGUM TEMPO JÁ EXISTE A GRADUAÇÃO EM PAISAGISMO”

“AINDA NÃO EXISTE EM NOSSO PAÍS A CONSCIÊNCIA CLARA DA NECESSIDADE DE SE TRABALHAR A PAISAGEM DAS CIDADES”



PFJ - Atualmente a senhora é sócia do escritório Barbieri & Gorski Arquitetos Associados, junto com seu marido, Michel Gorski, e vocês acabaram se especializando em arquitetura de lazer. Como se deu essa especialização?

A área de lazer sempre me agradou muito, talvez porque permeie um pouco o território da escultura, da licença poética, em que é possível sair dos cânones mais estabelecidos e criar espaços lúdicos.

Essa especialização foi acontecendo naturalmente. A gente já vinha trabalhando muito com playground. Em 1980, fiz um trabalho no Guarujá em que o playground foi foco de muita discussão, buscando valorizar mais essa área e fazer algo menos convencional, um momento que marcou esse nosso diferencial de trabalhar com a área de lazer. Por conta disso, em meados de 1988, nosso escritório foi convidado a trabalhar no projeto do Parque da Mônica, em São Paulo. Isso nos abriu uma grande porta de conhecimento, pois começamos a viajar pra conhecer outros parques, em outros países. Os parques do Japão, por exemplo, eram muito mais ousados que os dos Estados Unidos, onde se tem muito medo de acidente, os americanos têm muito mais preocupação com segurança. E percebemos que a tipologia dos brinquedos na Europa, nos EUA e no Japão era muito diferente. Na Europa, havia brinquedos mais naturais, com madeira, sem pintura, eles têm a preocupação de integrar o lazer à natureza.

Para o projeto do Parque da Mônica, tivemos que detalhar todos os brinquedos. Com um lugar e um público específicos, criamos brinquedo por brinquedo, fazendo propostas que atendiam também, evidentemente, às diretrizes da Maurício de Souza, afinal, o parque tinha que refletir o universo do cartoon. E o Maurício de Souza definiu muito claramente o seu desejo por brinquedos interativos, muito interessantes em termos de proposta para um parque de diversões, já que todo mundo sempre pensa em brinquedos mecanizados.

PFJ - Além do lazer, que outros tipos de projetos vocês têm desenvolvido?

A gente tem trabalhado muito também com condomínios horizontais, tipo pousadas, no Centro-oeste, principalmente em Uberlândia e Goiânia. Nesses condomínios, também a área de lazer é muito importante, não só a questão do playground, mas as áreas esportivas, o cooper, os riosinhos, lagos, etc., afinal é o ponto de venda principal: saia do ambiente urbano e venha descansar junto à natureza. Em geral, os proprietários procuram áreas que já têm matas muito bem formadas, e isso nos leva a trabalhar com espécies do cerrado, espécies locais. Vi, em Caldas Novas, jardineiros e pessoal da área trabalhando com pinheirinhos; como as pessoas não estavam muito ligadas no assunto, queriam comprar plantas exóticas, quando na verdade a gente estava querendo valorizar as espécies locais. No cerrado é muito difícil fazer transplante, porque a vegetação tem um enraizamento muito profundo, por causa do lençol freático que também é muito profundo, então fica difícil remanejar a vegetação existente. Por isso, o ideal mesmo é poupar o que existe no terreno. É o que a gente tem feito.

PFJ - A senhora acha que essa questão do desconhecimento por parte das pessoas é em função da falta de uma política de educação ambiental?

Totalmente. Hoje mesmo fiz parte de uma banca de graduação na Faculdade de Arquitetura do Mackenzie e o foco da questão eram os centros de educação ambiental. É um assunto muito sério, se o cidadão não é conscientizado, ele acha que o cerrado, por exemplo, é mato, não sabe o potencial que aquela vegetação tem, não conhece a diversidade de flores, frutos e árvores. Por isso, quanto mais a gente divulgar e mais pessoas tiverem essa consciência, tanto mais serão valorizados os ambientes locais.

O nosso grande problema é a padronização, muitos elegem algumas espécies da moda e resolvem levar pelo Brasil afora. O pingo-de-ouro e o ficus, por exemplo, viraram elementos-padrão, enquanto estamos deixando de explorar os que têm importância muito grande em cada região.

PFJ - E os jardins estrangeiros, deixaram de ser copiados?

Ainda há uma influência externa muito grande, por uma razão muito simples: quem publica sobre paisagismo são eles, os EUA, a França, o Japão, agora a Austrália... A gente não tem quase nada de publicações específicas, então acabamos bebendo, ainda, na fonte externa. Na medida em que tivermos mais publicações brasileiras, que divulgarmos melhor os trabalhos dos profissionais daqui, vamos conseguir fazer com que as pessoas se espelhem nos exemplos nacionais.

PFJ - Que características a senhora leva em conta no momento de contratar um estagiário?

Em geral, os estudantes que vêm aqui já buscam trabalhar com área de lazer ou com paisagismo. Então este é o primeiro ponto: ter interesse pela nossa área de atuação dentro do paisagismo ou lazer. E depois, é preciso que o estudante entenda que a gente não vai trabalhar só com espécies vegetais; abarcamos um universo muito mais amplo. Verifico se ele já trabalhou com alguém nesta área, e se apresenta um profundo interesse em atuar neste campo.

PFJ - E o conhecimento das espécies, é fundamental na hora da contratação?

Não, porque na verdade a gente vai aprendendo todo dia. Essas espécies de cerrado, por exemplo, estou aprendendo porque trabalho com agrônomos ou botânicos no local, que me dão consultoria. Se eu for trabalhar no Acre, preciso ter um profissional que entenda também daquela realidade. Quando trabalhei em Palmas, fomos buscar um botânico da Universidade de Tocantins pra fazer o levantamento florístico da orla do lago de Palmas, e ele fez uma lista de recomendações das espécies que a gente poderia agregar às existentes, porque é um universo que não dá pra dominar completamente. Nesses trabalhos de

maior escala, a gente tem que trabalhar com equipes multidisciplinares: arquitetos, botânicos, agrônomos, pessoal de instalações etc. É mais interessante você saber a importância da vegetação como um elemento formador do espaço e entender a estrutura da vegetação, pois para os detalhes de plantas específicas do local você terá o auxílio de um profissional da região.

PFJ - Quais outros projetos realizados ao longo de sua carreira gostaria de citar?

Um deles é o terraço do Conjunto Nacional, em São Paulo, outro é o pátio da Assembléia Legislativa de São Paulo. Para que um trabalho obtenha êxito, em termos de execução, desenvolvimento e manutenção, precisa de alguém que esteja apostando nele, uma espécie de padrinho. E no caso do Conjunto Nacional, a gente tinha uma pessoa muito envolvida com o assunto, a Vilma Perameza, síndica do prédio. Além de acompanhar toda a fase de implantação, ela tem cuidado com a manutenção, que é fundamental num projeto de paisagismo. Se você faz um trabalho e ele é abandonado, vira um matagal em dois tempos. E se alguém troca toda a vegetação, muda completamente o caráter do trabalho. Há, claro, os pisos, a área de circulação, as áreas de estar, que estruturam bem um projeto paisagístico, mas a vegetação especificada, se for mudada, transforma o projeto completamente.

PFJ - Então o cliente tem o seu papel?

Sim, tem um papel muito importante. Isso vale também para a arquitetura, que é menos frágil que o paisagismo. Se alguém colocar uma parede aqui ou uma portinha ali num trabalho do Oscar Niemeyer, por exemplo, desvirtua completamente o conceito. E no paisagismo, então, nem se fala! Por isso, os trabalhos que me deram mais satisfação foram aqueles bem implantados, executados e onde é feita uma manutenção consciente. Se o cliente solicita ao mesmo profissional que projetou para que faça ajustes ou reparos, é o melhor que pode acontecer, porque consegue manter uma linha de trabalho. Sempre que o cliente tem clareza do que quer, envolvimento com a área e que mantém por certo tempo uma equipe para manutenção, o sucesso do trabalho e a satisfação do próprio cliente estão garantidos.

“O VIVENCIAMENTO DO ESPAÇO NA DANÇA ME AUXILIOU NO ENTENDIMENTO DAS ESCALAS, DAS INTERFERÊNCIAS E DA TENSÃO ENTRE OBJETOS”

PFJ - Em 2004, a senhora foi Membro Titular do CMPUA – Conselho Municipal de Política Urbana e Ambiental de Araraquara. De que se tratou este trabalho?

Fizemos um trabalho específico de restauro da Praça da Matriz. O secretário de planejamento é um arquiteto; ele tem uma visão muito clara da cidade, já tinha trabalhado com urbanismo, entendia que a cidade devia preservar alguns elementos arquitetônicos e praças. Ele foi atrás de profissionais, montou uma equipe multidisciplinar e realizamos o projeto. Além de mim, havia um profissional específico da área de Patrimônio Histórico Arquitetônico, o próprio arquiteto secretário, um técnico especializado em restauro, da própria cidade... Uma equipe muito grande que fez muita pesquisa, inclusive histórica da cidade, através de material iconográfico e entrevistas com jardineiros mais antigos que haviam trabalhado naquela área. Foi um processo muito interessante. A praça, na memória da cidade, é muito forte. Se as outras prefeituras brasileiras tivessem essa mesma clareza, a gente teria muita riqueza preservada em todo o país.

PFJ - Como a senhora avalia a política ambiental nacional?

Infelizmente, a gente ainda tem pouca demanda. Quando viajo para congressos internacionais, os profissionais dos países nórdicos, por exemplo, falam que o cliente preferencial deles é o Estado. Os escritórios de paisagismo no Brasil, para subsistir, têm de trabalhar com o lote urbano: residências, ou edifícios de residências multifamiliares, ou, mais recentemente, condomínios horizontais. Esse é o trabalho que sustenta a maioria dos escritórios de paisagismo no Brasil. Ainda não existe a consciência tão clara da necessidade de se trabalhar as cidades. E não falo de obras monumentais; basta restaurar as pracinhas, o entorno dos edifícios públicos, pensar a arborização urbana, as áreas de lazer urbanas. Áreas de pedreiras desativadas, por exemplo, são uma fonte incrível de trabalho; a restauração de áreas de hidrelétrica também são enormes potenciais de trabalho que são pouco explorados. Mas estas coisas não estão introjetadas nem nos governantes nem nas grandes empreiteiras, falta muito nessa interação.

PFJ - Será que um dos motivos pra essa falta de consciência é o individualismo que marca nossa sociedade atual, na medida em que as pessoas têm cada vez mais jardins em suas casas, e por isso não sentem falta de áreas verdes no espaço comum?

Exatamente. Acho que é um problema de cidadania. A gente tem uma visão do espaço público como espaço de ninguém, em vez de ser o espaço de todos. E é o que a gente precisa transmitir pros alunos, desde a pré-escola. Esse conceito tem que estar introjetado, as pessoas precisam entender que devem ter cuidado com o espaço, que mexer num espaço às vezes implica em ter uma autorização, saber qual a história desse espaço antes de alterá-lo. É uma questão de educação muito séria. E há uma questão de renda também. Como discutir a canalização do esgoto com uma pessoa que ainda está com o problema de sobrevivência? Ela está preocupada primeiro onde vai morar, onde dormir! É uma discussão profunda, mas que está, a passos lentos, evoluindo.

PFJ - Como a senhora lida com a moda no paisagismo?

Existe uma mania de se querer saber quais são as tendências do paisagismo. Não dá pra pensar dessa maneira. Temos que pensar em prazos mais largos, numa durabilidade maior dos projetos. E o tempo de maturação de um projeto paisagístico é bastante grande, leva de dois a dez anos. É uma situação muito ingrata, porque ninguém tem paciência de esperar. Hoje as árvores de grande porte ainda são muito caras, e as espécies menos empregadas também são difíceis de encontrar maduras. Assim, o paisagista tem que entender a característica da demanda para conceber o projeto. Quando a gente fala em lojas ou edifícios que têm prazos para entrega, é preciso ter um visual legal em um tempo muito curto. Isso acaba gerando o uso de muito mais palmeiras, porque a palmeira vem pronta, tem um torrão menor, ela não sente nada; alguns arbustos também já vêm prontos. Então isso começa a ser visto como moda, tendência, mas não. É simplesmente uma tentativa de aplacar a impaciência do mercado. Por isso, é muito inadequado ir em busca das tendências. O projeto tem que durar pelo menos 25 anos, acompanhando o investimento do cliente, não pode ser perecível.

E, claro, existem os movimentos característicos da História, como os jardins modernistas; e evoluções, por influência do jardim japonês, ou mesmo de uma linguagem arquitetônica mais “clean”, com vegetação mais controlada, pensando na vegetação como escultura. Mas não se pode esquecer que a gente mora num país de clima tropical, em que há umidade, calor, tudo que uma planta precisa pra se desenvolver, não só as selecionadas pelo projeto como as “intrusas”, e por isso o crescimento das plantas é incrível. Nos países de clima mais temperado, a velocidade de desenvolvimento das plantas é menor, então o controle é diferente.

“O MAIS IMPORTANTE PARA UM ARQUITETO-PAISAGISTA É SABER A IMPORTÂNCIA DA VEGETAÇÃO COMO UM ELEMENTO FORMADOR DO ESPAÇO E ENTENDER A ESTRUTURA DESSA VEGETAÇÃO”



Eu não acredito em absoluto nessa ditadura da moda, muitas vezes retrógrada ou “fake”, imposta pelas incorporadoras em nome do mercado. Acho que a gente deve ter verdades mais duradouras, que acompanhem a evolução da tecnologia e se adaptem a novos hábitos e necessidades da população.

PFJ - A senhora colaborou na reforma do Projeto Recanto Primavera, instituição que acolhe crianças e jovens carentes para o desenvolvimento de atividades artísticas e pedagógicas. Quem promoveu a organização dos profissionais para tal atividade e como ela aconteceu?

Isso foi uma iniciativa da arquiteta Patrícia Chalaça, de Recife, e da ASBEA (Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura). A Patrícia achou que se devia fazer a “Casa Cor do Bem”, digamos assim, uma exposição que viesse pra ficar e pudesse beneficiar alguma entidade necessitada. O projeto foi usufruído pelo Recanto Primavera, comunidade gerenciada pela ASA, já anteriormente instalada. Entraram fornecedores doando seus produtos, profissionais de várias áreas doando o seu trabalho e a ASBEA coordenando, como importante elemento gestor. Foi um trabalho muito gratificante, porque você vê as crianças usando aquele espaço, é uma alegria geral!

PFJ - Quem são seus mestres do paisagismo?

A Rosa Kliass, sem dúvida, que foi minha formadora, ela me introduziu ao paisagismo, não só em termos de instrumentalização, mas como fibra de profissional atuante, que faz valer suas opiniões. O Fernando Chacel é também um grande inspirador. Sem falar no mestre Roberto Burle Marx.

Profissionais como o Benedito Abbud, o Luciano Fiaschi e a Madalena Ré foram abrindo caminho e

mostrando uma série de experiências muito importantes pra gente. O Luís Vieira tem um trabalho muito interessante também. Enfim, há vários profissionais, colegas meus, com quem aprendi muito. E fora do Brasil tem alguns muito importantes, não só arquitetos-paisagistas, mas arquitetos também. Por exemplo, o Carlo Scarpa foi um arquiteto que trabalhou muito a área externa como um derivado da área interna, tem um trabalho belíssimo, aprendi muito com ele. O Isamu Nogushi, Dan Kiley, Shlomo Aronson, talvez eu esteja esquecendo vários... É muito importante ter esses “musos” inspiradores, porque nem sempre as coisas dão certo, a gente erra e acerta o tempo todo, e ter guias desse tipo é muito alentador. Muitos escultores também acabam mostrando caminhos interessantes. É possível se nutrir de várias outras áreas. A dança, no meu caso, foi muito importante. O vivenciamento do espaço na dança me auxiliou no entendimento das escalas, das interferências e da tensão entre objetos.

PFJ - De que maneira as espécies vegetais trouxeram ensinamentos à senhora, ao longo da carreira?

Como estrutura formal, acho que há uma riqueza surpreendente: as formas de caule, de galho, de folha... Outro aprendizado é a questão do tempo. Temos uma tendência de achar que tudo está pronto e sob controle, e às vezes é meio frustrante não enxergar logo as coisas prontas. Temos de lidar com a impaciência do cliente e com a nossa também. E a natureza nos ensina a ter essa paciência, a entender que as coisas têm processos. Um simples passeio e um olhar com outros olhos a todos esses elementos da paisagem natural são maneiras de entender como manejá-los em seus projetos. Trabalhar com paisagismo é um aprendizado constante. 🌸